

**ANÁFORAS Ø EM TEXTOS DISSERTATIVOS:
UM ESTUDO PRELIMINAR**

**Maria do Carmo FERNÁNDEZ
PUC/RJ**

RESUMO

O objectivo de nossa comunicação é contribuir para o estudo das condições de continuidade das relações discursivas no texto escrito dissertativo através da ocorrência da anáfora Ø.

Diferentemente de Li & Thompson (1979) que discutiram a ocorrência do pronome Ø de 3ª pessoa em narrativas do chinês, nós estudaremos qualquer anafórico Ø que ocupe qualquer espaço exigido pelo verbo.

Procuramos descrever, no relacionamento anafórico, os diversos tipos de antecedentes expressos enquanto item lexical, sentença, seqüência de sentenças e ainda tópicos explícitos ou implícitos do discurso.

Procuramos também explicitar as condições de correferencialidade com o antecedente e o anafórico, através não apenas de regras sintácticas e semânticas mas especialmente pragmáticas, isto é, aquelas condicionadas pela percepção que o falante tem da situação de comunicação e pelas inferências do falante sobre o que ele supõe que esteja na consciência do ouvinte.

Observamos ainda a interferência da informação enquanto dado/novo na ocorrência da anáfora Ø como um recurso que dá prosseguimento ao tópico do discurso.

A anáfora é um recurso valioso no processo de continuidade das relações discursivas, na medida em que é um meio de retomar pessoas, objectos, eventos, propriedades, através de repetições ou substituições (cf. STENNING, 1979).

A anáfora Ø (ø) cumpre também esse papel ao retomar, por apagamento, um referente expresso enquanto item lexical, sentença, seqüência de sentenças ou tópico implícito do discurso.

O Português é uma língua que não oferece muitas restrições à ocorrência de Ø. Este fato cria a expectativa, segundo Gundel (1980), de que quanto mais tópicos aparecerem em posições sintaticamente proeminentes, i. e., posições reservadas aos tópicos, mais facilmente recuperáveis serão os SN que se ligam aos anafóricos Ø.

Observamos, no entanto, que nem sempre a opção pela Ø, em textos de alunos recém-ingressos na universidade, é o meio lingüístico mais adequado para confirmar um foco ou mudar um contexto estabelecido. As características de discurso não planejado (DCHS, 1979) - especialmente a dependência contextual - as quais esses textos apresentam, a preferência por estruturas discursivas pragmáticas, ao invés de sintáticas, tornam muitas vezes difícil identificar o candidato a referente de um anafórico Ø ou criam a expectativa de preenchimento desse anafórico por repetição, substituição lexical ou pronominalização.

Nossa comunicação pretende mostrar que a ocorrência de Ø parece se co-relacionar com a saliência dada ao tópico, especialmente no português escrito num registro informal ou com forte interferência da língua falada.

Os textos dissertativos - argumentativos dos alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que constituem nosso corpus, mostram que seus autores privilegiam o modo pragmático de escritura. Para estabelecer as ligações no discurso, através da anáfora Ø, confiam especialmente na habilidade que o leitor pos-

sui de fazer inferências com base no seu conhecimento de língua, do mundo, ou com base nas informações oferecidas pelo contexto.

Estaremos distinguindo, portanto, as \emptyset dependentes do contexto, das não dependentes. Estamos considerando não dependentes aquelas em que o ouvinte baseia a escolha do antecedente em critérios de ordem sintática ou semântica.

Pelo princípio lógico em cadeia, por exemplo, o tópico estabelecido na primeira oração serve como referente para tópicos não realizados na cadeia de orações que o seguem:

- (1) João entrou na loja, \emptyset olhou as mercadorias mas não \emptyset comprou nada.

Esse caso se estende a todos aqueles em que referente e anafórico exercem a mesma função sintática, especialmente, quando esse paralelismo gramatical é reforçado (a) por repetição do verbo por cópia

- (2) As Forças Armadas deveriam intervir na crise, mas não intervieram \emptyset

b) por repetição do verbo através de sua substituição por outro de sentido oposto

- (3) Eu concordo com você, mas Paulo discorda \emptyset

- (4) Saíram do presídio mais violentos do que quando entraram \emptyset

A estrutura paralelística condiciona de tal modo a ocorrência de \emptyset , que pode ocorrer, como no caso das orações adverbiais, que o anafórico \emptyset venha antes de seu referente:

- (5) "João descascou \emptyset e cortou as batatas"

- (6) "Antes de \emptyset cortar as batatas, João descascou"

A interpretação de \emptyset é independente das informações contidas no contexto da enunciação. A ocorrência de \emptyset é motivada pelo frame do verbo, sua estrutura sintática e semântica, sendo seu preenchimento explícito considerado desnecessário. A co-referencialidade é estabelecida lingüisticamente, estando o antecedente do anafórico \emptyset presente na mesma sentença ou em sentenças anteriores.

. Por um critério de ordem semântica, por exemplo, é recuperada a \emptyset em:

(7) Ele viu o prédio, mas não entrou \emptyset .

A informação lexical contida em prédio torna-o um candidato legítimo a antecedente de \emptyset , visto que seus traços semânticos são compatíveis com aqueles exigidos para complemento do verbo entrar.

Nos textos analisados, no entanto, vão predominar \emptyset dependentes de inferências feitas pelo leitor com base em informações lingüísticas ou extralingüísticas. A co-referencialidade é estabelecida PRAGMATICAMENTE, i. e., a relação é estabelecida na situação de fala. O antecedente do anafórico \emptyset está na mente dos participantes ou porque se manifestou como objecto do discurso, no contexto lingüístico, ou porque é inferido ou evocado pelo contexto extralingüístico.

Em contraste também com algumas das restrições - identidade de função/status do antecedente e anafórico - já apresentadas, os casos de \emptyset nas redações estudadas parecem não sofrer quaisquer restrições. Observamos nessas dissertações o que foi observado por Li, Thompson (1979, p. 320) em relação às narrativas em chinês: a \emptyset pode ocorrer em qualquer slot gramatical com base na co-referencialidade com um antecedente que pode ocupar qualquer slot gramatical a qualquer distância ou mesmo não presente.

A anáfora \emptyset , nesses discursos, não é, portanto, apenas o cancelamento da cópia de um item lexical ou da referência a uma sentença ou seqüência de sentenças. Ela ocorre, preferentemente, como a retomada cancelada do objeto do discurso:

a) apresentado através de estruturas de tópico marcado

(8) Sobre este programa, parece merecer destaque a presteza com que esta companhia colaborou Ø.

b) inferido por um item lexical cognato ao referente cancelado

(9) Outros fatores não positivos tornam as pessoas naturalistas: a influência dos meios de comunicação que faz com que as pessoas se convertam Ø sem saber os verdadeiros benefícios

c) inferido, parcialmente, pela presença de um item semanticamente afim e pelas outras informações do contexto:

(10) Hoje em dia, você vê a alegria, principalmente no Rio, estampada no rosto das pessoas, mas se você for realmente descobrir Ø verá que nem um quinto destas é feliz.

"Alegria" não é antecedente suficiente para nos conduzir à interpretação de Ø. O subsequente a Ø "nem um quinto destas é feliz" é que em contraste com "alegria" nos leva a interpretar a Ø como "se essa alegria é verdadeira"

b) inferido sem a presença de nenhum índice contextual explícito

(11) Nessa paisagem destacam-se os naturalistas.

Alguns absorvem-se de tal forma nessa filosofia que se esquecem e tentam fugir do mundo que encaram todos os dias os seus corpos e mentes são o centro de tudo.

Ø não se pode exagerar. O naturalismo não deve ser uma tendência que está na moda, mas uma maneira de melhorar a qualidade e quantidade de vida."

Aqui não há como sintaticamente recuperar o referente de Ø. Se considerarmos o tópico do discurso do parágrafo anterior à Ø,

o referente é a postura extremada de alguns naturalistas. Se considerarmos a subsequente à β , o referente pode ser o exagero na visão idealizada do naturalismo.

Como podemos observar, o tema nem sempre está ocupando uma determinada posição sintática. Ele pode estar também implícito no contexto. Mas sua recuperação é garantida ou, pelo menos, inferida, por fatores pragmáticos.

Li e Thompson (1979) estabelecem a noção de "joinability" - coordenação - para explicar a opção do falante chinês pela β ou ocorrência do pronome de 3ª. pessoa em textos narrativos do chinês. Segundo os autores, o grau de preferência pela ocorrência de um pronome numa oração CORRESPONDE inversamente ao grau de coordenação com a oração precedente.

Nos casos de β por nós estudados, havia um alto grau de coordenação entre as orações a partir da apreensão do tópico do discurso.

Considerando a saliência do tópico, não se tornava necessária manter, por exemplo, identidade dos espaços sintáticos entre referente e anafórico:

- (12) O brasileiro nunca foi de ler muito, mas com a inflação fazendo nada sobrar no salário, se tornou quase que impossível essa prática para muitos da pequena parcela da população que se interessavam β .

A informação pragmática oferecida pelo contexto discursivo nos leva a inferir o referente próprio da β . O tópico do parágrafo é a leitura. O autor do texto nos introduz o tópico já no primeiro período, quando se refere à escassez da leitura. Retoma o tópico - agora a própria leitura - como sujeito da 3ª. oração: essa prática. Cancela-o na última oração, por entendê-lo sujeito do texto, supondo-o, portanto, seguro na memória do seu leitor.

É frequente também, nos textos dos alunos, que o antecedente e anafórico β não apresentem o mesmo status sintático. Na relação anafórica, um termo pode estar ocupando a posição de núcleo de um argumento do verbo, e o outro não.

- (13) O envolvimento de policiais com bandidos tem sido constatado. Ø chegam a ser chefes de quadrilhas organizadas.

O referente de Ø faz parte do tópico do parágrafo, mas não na condição de núcleo - policiais. Ao seu lado, outro candidato a referente da Ø - bandidos. PRAGMATICAMENTE, infere-se que só pode ser sujeito de "chegam" um agente não previsto pela sociedade como candidato a chefe de quadrilha. Logo o lógico é inferir-se que o referente de Ø é "policiais". Sintaticamente, o núcleo do sujeito é "envolvimento". Mas o agente da nominalização é "policiais". Esse, para o falante, é o sujeito tópico, apesar da estrutura sintática que o desloca para outra função.

A distância entre referente e ANAFÓRICO também não cria obstáculos a que se estabeleça a inter-relação entre sentenças nas redações dos alunos. Qualquer argumento do verbo não especificado é recuperado pela manutenção do tópico discursivo com o auxílio do nosso conhecimento do mundo.

- (14) A situação é grave, uma terrível e implacável bola de neve. Qualquer idéia para solucionar Ø₁ seria utópica. Não vejo uma solução de imediato, talvez nem a longo prazo. Ø₂ Só tende a piorar.

A Ø₁ é retomada do tópico frasal por associação: situação grave - problema. A Ø₂ tem como antecedente apenas o sujeito do tópico frasal - situação - que não foi mantido como sujeito nos dois períodos que seguem o tópico. No entanto, "situação" permaneceu implícito como o objeto do discurso. O autor está falando o tempo todo da situação: da gravidade da situação (1º período), da solução para a "situação" (2º e 3º períodos) e novamente da gravidade da situação - "que só tende a piorar" - (4º período).

Não só em textos de ligação de orações no período ou de períodos no parágrafo, observa-se a opção pela Ø determinada por fatores PRAGMÁTICOS. Também na estruturação do texto, o aluno dará continuidade aos seus referentes através de Ø que retomará o tópico do discurso, suposto sempre presente na memória do seu leitor. Um exemplo:

(15) O Naturalismo

"O naturalismo vem ganhando um espaço muito importante nos dias atuais. Ø₁ Pode ser como um paradoxo, pois Ø₂ encontra-se justamente em um mundo tão mecanizado, industrializado e poluído. É engraçado as pessoas botarem os pés na terra, Ø cultivarem seus alimentos, Ø produzirem suas roupas e Ø aderirem a atividades que trabalhem com o corpo e a mente, como a ginástica, a dança e a yoga. Destacam-se Ø₃ muitos benefícios e também, infelizmente, alguns malefícios.

Dentre os aspectos positivos, encontramos dois de extrema importância. O primeiro deles é que, com uma alimentação natural, a não utilização de cigarros, o hábito de exercitar os músculos e a substituição da alopatia pela homeopatia, o indivíduo torna-se mais saudável e com maior disposição. O segundo é que, além de Ø aliviar as tensões do dia a dia, Ø₄ propicia um convívio social mais harmônico e menos violento.

Ø₅ Seria bom, porém, os aspectos negativos existem. Um deles é a descaracterização do conceito de natural, já que o número de adeptos aumentou, a necessidade de consumo também cresceu e, com isso, a industrialização. O outro foi o encarecimento dos naturais, onde a produção em série visa o lucro, assim Ø₆ restringe um hábito tão saudável àqueles de baixa renda.

Apesar da exploração feita em cima da nova maneira de viver, no mundo ocidental, esse tipo de modismo não prejudica, pelo contrário, sua proposta, ainda que um pouco defasada, é válida. Levar uma vida, buscando o natural, mesmo este estando despersonalizado, é melhor levá-la com métodos não muito saudáveis".

O texto acima ilustra a dificuldade que um redator não maduro apresenta em lidar com a exigência de completude do texto escrito, i. e., com a maior autonomia da escrita em relação ao contexto. Ilustra também (a) a dificuldade em conceber o modelo do leitor, tornando mais trabalhosa a tarefa de decodificação, (ou re-codificação); (b) o apoio num modelo de leitor - o professor - que dará conta de todas as informações (não apenas as canceladas por Ø) omitidas no texto, porque assumidas como conhecidas.

Para análise, selecionamos apenas as \emptyset que são dependentes do contexto e que funcionam como argumentos do verbo:

A \emptyset_1 , no segundo período, tenta dar continuidade ao texto, retomando uma das partes do primeiro período. Num primeiro momento, o leitor preenche, pelo princípio do tópico em cadeia, essa \emptyset com o pronome *ele* que se refere ao sujeito do período anterior - o naturalismo. Pragmaticamente, no entanto, infere não ser esse o legítimo preenchedor de \emptyset . Caberia aí um pronome anafórico do tipo ISSO, que retomaria o antecedente "ganhar espaço/importância nos dias de hoje". As informações compartilhadas entre emissor e receptor sobre as características do naturalismo e do mundo atual explicam o paradoxo.

No mesmo período, contudo, ocorre uma \emptyset_2 que, agora, tem como referente o sujeito tópico do primeiro período - o naturalismo. Logo, o autor do texto dá de modo inadequado continuidade aos referentes potenciais da frase que abre o texto. O 3º período mantém foco de ATENÇÃO na ironia do sucesso do naturalismo num mundo como o nosso. No 4º período, ocorre a \emptyset_3 , agora preenchida por repetição lexical - DO NATURALISMO - dando ao naturalismo o status de objeto do discurso.

É, possivelmente, por essa razão, que o autor do texto provoca a ocorrência de \emptyset_4 . Embora ele não tenha como antecedente apenas NATURALISMO; ele se refira mais às práticas que lhe são características, a \emptyset_4 tem como foco de informação principal o tópico NATURALISMO.

A \emptyset_5 , como a \emptyset_4 , não recupera apenas o tópico naturalismo, mas tem nele a sua informação básica. Mais uma vez aqui, o redator pressupõe que o seu leitor sabe do que ele está falando. Lança mão, por isso, de uma linguagem telegráfica mais adequada a comunicações face a face que têm o apoio do contexto situacional e oferecem ao receptor a possibilidade de cobrar o que foi mal recuperado ou interpretado.

A \emptyset_6 está vinculada ao tópico do parágrafo (aspecto negativo: a industrialização dos produtos naturais e o conseqüente encarecimento desses produtos) que está dando continuidade ao tópico do discurso - o Naturalismo: seus aspectos positivos e negativos.

Novamente aqui cabe ao leitor adivinhar o raciocínio do redator, expresso num texto fragmentado. A \emptyset_c parece mais ter sido provocada pelo mau uso dos recursos de coesão (onde/assim) que poderiam ter funcionado como vínculo formal explícito, dispensado \emptyset .

CONCLUSÃO

A noção geral de informação nova/informação dada interfere de maneira decisiva na ocorrência de \emptyset .

Três noções segundo Prince (1981) envolvem na teoria linguística a questão dado/novo: predizibilidade, saliência e conhecimento compartilhado.

Conforme pudemos observar, estas noções de algum modo condicionaram a escolha da \emptyset como um dos recursos de continuidade das relações discursivas.

O poder de predizibilidade que o falante assume que o ouvinte tem fez com que houvesse o cancelamento e a recuperação de itens lexicais em qualquer posição na frase.

Não só o que está presente no discurso, mas também o que o falante supõe que esteja na consciência do ouvinte e o que o falante assume como inferível pelo ouvinte, foram determinantes de \emptyset .

E, como pudemos observar também a condição de tópico do discurso controla a omissão de um constituinte co-referencial.

Nos casos levantados nas redações dos alunos, vimos que esses tópicos se localizam preferentemente na posição de sujeito, na sentença. Reconhecemos, portanto, o caráter eminentemente tópico do sujeito que dá continuidade ou provê elementos que constituem o tópico do discurso (Pontes, 1985). Identificamos o sujeito temático (cf. Karmiloff, 1981) condição ideal de anafórico \emptyset , independente da função gramatical, do papel semântico, ou da distância entre antecedente e anafórico.

Evidentemente, como vimos, outros espaços do verbo podem funcionar como tópico. A relevância da informação enquanto tema discursivo é que nos permite identificar um referente explícito ou nem presente no discurso.

Por isso, a \emptyset deve ser entendida principalmente como um recurso que dá prosseguimento ao tópico do discurso. Segundo Givón, a \emptyset , numa hierarquia de continuidade de tópico, representa o seu mais alto grau, oferece mais fácil identificação e menor valor surpresa (Ap. Pontes, 1985 p. 64). O que nem sempre ocorre nos textos dos alunos, em que as \emptyset são por vezes empregadas de modo inadequado.

Há que se salientar também a noção de coordenação, entendida por Li e Thompson (1979) como um fator favorável à ocorrência ou não da \emptyset .

Os exemplos nos mostraram que o alto grau de coordenação entre sentenças depende menos de propriedades sintáticas e semânticas das orações e mais do conhecimento pragmático e do status da informação no discurso.

Concluimos, portanto, que o falante precisa reconhecer numa seqüência de orações uma unidade temática para julgar desprezível a retomada de uma informação. Quando fatores sintáticos-semânticos e/ou pragmáticos não permitem ao falante interpretar uma seqüência de orações como uma unidade temática, a tendência parece ser retomar o referente através do preenchimento de um dos espaços do verbo por repetição, substituição lexical, pronominalização ou outra expressão de referência. Cabe agora, após a descrição lingüística feita, buscar explicações, numa abordagem psicolingüística, para o processamento da anáfora no modelo de compreensão e produção.

BIBLIOGRAFIA:

- Bosh, Peter. The Modes of Pronominal Reference and their Constraints. In: *Papers from the Parasession on Pronouns and Anaphora*. Chicago Linguistic Society. April 18-19, 1980.
- Givón, Talmy. Grammar as a processing strategy, In: *On Understanding grammar*. Nova York, Academic Press, 1979 (p. 223).
- Gorsky, Edais M. *Condições de Entrada e de Continuidade do Referente em narrativas Oraís*. Tese de Mestrado da UFRJ, 1985.
- Gundel, J. K. Zero NP - anaphora in Russian: A case of topic - prominence. In: *Papers from the parasession on Pronouns and Anaphora*. Chicago Linguistic Society, April 18-19, 1980.
- Karmiloff, Annete. The Gramatical marking of thematic structure in the development of Language production. In: W. Dentoeh (ed.) *The Child's Construction of Language*. London, Academic Press, 1981.
- LI, Charles e Thompson, Sandra A. Third-Person Pronouns and Zero-Anaphora in Chinese Discourse. In: *Syntax and semantics Discourse and Syntax*. Ed. T. Givón, V. 12; 311-35, 1979.
- Ochs, E. Planned and unplanned discourse. In: Givón, T. org. *Syntax and semantics; discourse and syntax*. N. Y., Academic Press, 1979.
- Pontes, Eunice. Sujeito e Tópico do Discurso. In: *Documentação de Estudos em Lingüística e Teórica e Aplicada*. Vol. 1: 51-57, 1985.

- Prince, E. F. Toward a Taxonomy of Given/New information. In: ed. Pacole. *Radical pragmatics*. New York, Academic Press, 1981, p. 223-255.
- Stenning, K. Anaphora as an approach to pragmatics. In: ed. M. Haille, J. Bresnan and G. A. Miller. *Linguistic theory and psychological reality*. Cambridge, MA, M. I. T. Press, 1978, p. 162-200.